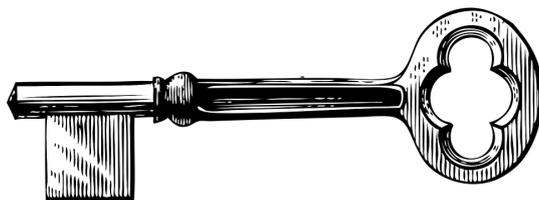


Capítulo 1

Destino, sorte, acaso, carma



*“O destino quis que a gente se achasse,
na mesma estrofe e na mesma classe,
no mesmo verso e na mesma frase.”*

— Paulo Leminski

É raro que numa manhã de segunda-feira alguém filosofe sobre as grandes questões universais. Geralmente estamos ocupados com coisas mais mundanas — por exemplo, se lembramos da senha do computador depois do fim de semana ou pagamos a conta do self-service da esquina —, mas o fato é que hoje, desde que acordei, só penso em destino. Não em senhas ou contas não pagas, mas na inevitável sucessão de eventos originados de uma misteriosa ordem cósmica.

Dez andares abaixo, a rua formiga de gente. A multidão espreme-se nas calçadas numa marcha contínua de ir e vir, sem atentar ou acreditar que sobre elas estrelas decidam suas fortunas. Não sei se as estrelas tiveram alguma coisa a ver com a minha mudança de

sorte. Talvez sorte seja nada mais, nada menos que a prova da mobilidade natural das coisas. Queda e ascensão. Perda e resiliência humana.

— Aê, garotinho!!! — o grito do meu irmão ecoa pela sala nova. — Parece que foi ontem que rabiscava as paredes de casa, e agora virou... — ele estreita os olhos para a placa pregada na porta: *Pedro Lima, editor chefe*.

— Editor chefe!

Deixo a janela para receber o abraço de Bruno. Ele colide contra a secretária que tenta em voz baixa avisá-lo que não pode entrar sem ser anunciado.

— Está tudo bem, Neide — tranquilizo a senhora que se recupera da colisão. Bruno mal percebe que atropelou a senhorinha franzina, sequer a notou atrás dele. A mulher fecha a cara e volta à mesa, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Tô orgulhoso de você! — Bruno diz estalando minhas costelas. Após o *crack* ele me solta, procurando ao redor uma cadeira para se sentar. — Rapaz, finalmente deu para aparecer.

Ele tomba sobre a cadeira, que cede sob seus cento e cinquenta quilos.

— Já estava achando que nunca aceitaria meu convite para um café — encosto na mesa à frente.

Ele checa o relógio e torce a boca: — Na verdade, só vim mesmo te dar os parabéns. Fiquei feliz quando ouvi sobre a promoção.

Cruzo os braços e sorrio para os pés.

— Essa foi rápida, hein? — ele continua. — Parece que foi ontem que você começou a se aventurar nesse negócio de livros.

Franzo as vistas. — Bem, *ontem* é meio inexato, faz cinco anos que só faço is...

Bruno desencosta da cadeira e me dá um empurrão. A mesa chacoalha. Além de dez centímetros maior que eu — ele tem 1,97 —, ele é o que costumam chamar de *tipo bem nutrido*. Se eu não estivesse escorado na mesa teria tombado.

— Você sempre foi bom com letras, mas foi esse seu dom para números que finalmente te levou a algum lugar — ele mexe com os dedos como se a matemática fosse um tipo de mágica.

— Quem diria, editoras gostam mais de números que palavras — digo de certa forma surpreso. Como não se surpreender quando alguém aponta que você, aos trinta, não havia chegado a lugar algum?

— Sabe o que você deveria fazer? Trabalhar para mim — ele sugere.

Em sua confecção de roupas para ostentação funk cuja contabilidade, para colocar de maneira polida, faz fronteira com o ilegal? *Irrecusável*.

— Achei meu lugar, Bruno.

— Tá aí uma verdade. Não via você tão bem há tempos.

Ficamos por um tempo assim, eu olhando para o chão tentando afastar a sensação indigesta na barriga, ele testando o sistema hidráulico da cadeira. Só um irmão saberia quantos foram os meus maus momentos. Um *bom* irmão, me corrijo; esse não é o caso de Bruno.

Enfim, passou.

Ele bate as mãos nos braços da cadeira e eu acordo. Seu cordão dourado, uma corrente de amarrar navios de ouro maciço, reluz sob a claridade da sala: — Então é isso, João Pedro. Já vou.

Meu irmão sempre finaliza assim suas visitas: então é isso. Esta, por exemplo, bateu recordes: um abraço, uma justificativa, dois parabéns e um elogio.

— Preciso voltar para o escritório. Deixei o carro estacionado na vaga de cadeirante, e sabe como é. O povo anda muito chato. Mas melhor lá que na de idoso, né? Posso mancar, mas não fingir que sou caduco.

Meu sorriso congela no rosto. Este é Bruno.

— Então falou, meu querido. Boa sorte em... no... — ele gira o dedo no ar, procurando na memória o título na placa. — ...nisso!

Ele abre os braços. Beija minha testa e estala a minha outra costela. Sai da sala atropelando Neide outra vez, que por susto acaba lançando a papelada que carrega no ar. Bruno pula as folhas esparramadas no chão, desaparecendo atrás de uma das muitas baias que enfeiam o salão da editora Alpina.

Suspiro, sem saber o que dizer. Ando até a secretária e me abaixo ao seu lado. Cato as folhas ao redor e coloco-as gentilmente sobre a pilha que ela volta a equilibrar nos braços.

— Desculpe — murmuro.

Neide abraça a pilha e acerta os óculos que escorregam pelo nariz: — Esses aqui são para o senhor assinar — ela me entrega alguns contratos e atas, mal escondendo o aborrecimento. — E esse é o manuscrito que o Sr. Albano pediu para avaliar. Se precisar de qualquer coisa, estarei na minha mesa.

Ignoro a cara feia, os contratos e as atas e folheio o manuscrito, quando lembro que preciso de uma coisa. Uma coisa urgente, na verdade.

— Neide?

Ela se vira.

— Preciso de um teto.

Seus olhos arregalam. É um assunto pessoal, mas recebi um ultimato de Dagmar e tenho um teto até sexta. Depois de sexta não tenho mais.

— Para morar? — ela pergunta.

Franzo as sobrancelhas. Tento achar outra finalidade para um apartamento que não seja morar, mas evito constrangê-la ainda mais com piadas.

— É, para morar. Provisoriamente, até que meu apartamento fique pronto. Se souber de alguém que está procurando um lugar para dividir, peça para me procurar.

Murmuro um “sinto muito” pela bagunça causada por Bruno e ela faz um gesto com a mão, acho que desmerecendo minha preocupação. — Quer que feche a porta? — pergunta antes de sair.

Balanço a cabeça que sim. Vejo-a fechar a porta e suspirar enquanto anda até a mesa. Ela se senta e mexe no mouse do computador para acordá-lo. Que diferença faz bater ou não a porta? A porta, assim como a parede inteira, é de vidro. Minha sala é um aquário.

Olho ao redor para a equipe que vejo inteira e, por sua vez, também me vê. Não posso tirar uma meleca do nariz sem ser observado, não posso sequer coçar a droga do saco. Embora esteja aqui há quase um mês, ainda não me acostumei à visibilidade. Também não me acostumei a ser recepcionado com *bons-dias* falsos e reuniões com gente apavorada. Digamos que um jovem editor com talento para balanços orçamentários e uma ordem simples a cumprir — demitir dez por cento dos funcionários até o final do ano — seja tão bem-vindo quanto a lepra.

Coloco o manuscrito de lado, sentindo uma pontada dolorida no meio da testa. Lembro-me da alegria que senti ao receber a oferta da Alpina. O desafio, além de financeiramente irrecusável, era um elogio pessoal. Como recusar a proposta de salvar uma das editoras mais antigas do país? O que ninguém contou é que eu gastaria todo meu tempo na frente de números, e que ao final precisaria mandar um décimo dos funcionários para o olho da rua. Massageio a testa, irritado por não ter tempo de ler, por ter que me preocupar com atas e analisar números. Irritado também por não ter onde morar.

Saio da sala sem avisar aonde vou. Embico à direita, passo na frente do RH e atravesso a recepção em direção à cozinha. No pequeno nicho equipado com uma mesa, um micro-ondas e uma geladeira encontro um funcionário que foge de mim antes que eu possa pedir uma dipirona. Remexo solitário em gavetas, abro portas e compartimentos da geladeira. Nada. Estou quase desistindo quando vejo, esquecida na última gaveta, uma aspirina embalada em alumínio desbotado.

Ok, talvez eventos predestinados não existam, mas como questionar a existência da sorte? Volto otimista para a sala, vendo que a aspirina venceu há apenas dois meses. Concluo que gosto da aleatoriedade do acaso. Remexe um pouco com a ideia de causalidade, claro, e definitivamente põe abaixo uma certa crença na harmonia do cosmos, mas às vezes, simples assim, é tudo uma questão de feliz eventualidade. Quais eram as chances de encontrar uma aspirina na cozinha?

Atravesso a recepção quando, sem que espere ou deseje, capto algo na visão periférica. Algo que não deveria, pela teoria das probabilidades, estar ali.

Olho assombrado para o vulto no canto da visão. Não é possível.

Sentada no sofá da recepção está alguém que conheci muito tempo atrás. Alguém que deixei no passado e que jurei nunca mais olhar nos olhos.

O acaso e a sorte perdem lugar para outra instância, uma que não havia considerado.

Carma.

É Bia quem está ali.

Capítulo 2

Um mundo nem tão pequeno assim



*“O destino conduz o que
consente e arrasta o que resiste.”*

— Sêneca

No coração ecoa uma batida desesperada. Não é curioso que um órgão que more dentro de uma cavidade torácica responda de maneira tão rápida a um estímulo que não vê?

É ela.

Com um livro nas mãos, mergulhada em palavras.

O que corre pelas minhas veias é ruim. É repelente, e me faz querer vomitar à visão. Aquela é a garota que acabou com a minha vida.

As pernas seguem involuntariamente até a recepção. O homem que se debruça sobre o balcão e fala em tom secreto com a recepcionista não pode ser eu. Não pode, mas é.

— Oi — olho para o crachá, lendo o nome escrito em azul: Marinalva. — Marinalva, sabe me dizer o que aquela garota com o livro na mão está fazendo aqui?

Marinalva retribui a olhadela para o meu crachá e avermelha. Meu nome parece pouco importante ali, em cima do cargo.

— Q-quem?

Aponto para o meu próprio peito, como se a garota morasse bem *ali*. A moça entende que quero dizer *atrás* de mim. A garota que está na direção do meu dedo, não dentro do meu coração.

Ela se inclina para vê-la: — Acho que está aqui para a entrevista de emprego.

O frio viola as vísceras. *Não, não, não. Nada de emprego aqui.*

— Com quem? — pergunto com as mãos em punhos sobre o balcão.

— Acho que Suzy, do RH.

— Suzy — repito dando uma batida leve na madeira e disparando em direção aos Recursos Humanos. O peito se comprime como se o ar tivesse sido sugado do corpo. Os corredores parecem intermináveis e ainda mais estreitos. Entro na sala da gerente no momento em que ela pega o telefone para chamar a candidata. Fecho a porta atrás de mim, dizendo firme:

— Coloque o fone no gancho, por favor.

A mulher de nariz adunco e bochechas flácidas desce o fone com olhos esbugalhados. Não nos conhecemos direito, por isso sei que seu amedrontamento é real. Ando disparando sentimentos assim por aqui.

— Você está selecionando gente hoje? — pergunto cruzando os braços. Não quero que ela veja que minhas mãos tremem, consequência da adrenalina espirrada no sangue.

As sobrelanceiras de Suzy vão parar no meio da testa:

— Como?

— Há uma garota na recepção que, segundo me falaram, está aqui para uma entrevista de emprego.

Minha voz sai estranhamente calma, como se uma parte de mim (e gostaria de ser apresentada formalmente a esta parte) soubesse como reagir no caso de uma hecatombe.

— Para qual vaga ela aplicou? A de revisora?

Suzy se inclina sobre um currículo, aliviada por entender do que se trata minha invasão à sua sala: — Você diz a candidata Beatriz Medina?

Fecho os olhos ao som do nome, sentindo algo oleoso se enroscar no estômago. Balanço a cabeça que sim.

— Sim, ela está aqui para a vaga de revisora.

Olho para a porta. Isso não pode estar acontecendo. É injusto que esteja, é praticamente impossível. O meu caminho e o de Bia não deveriam mais se cruzar. O que

nos separou foi forte o suficiente para ser definitivo, e definitivo, por definição, significa *para sempre*.

Volto a olhá-la: — Eu faço essa entrevista.

Assim que a frase sai da boca, arregalo os olhos. Eu acabei de dizer que quero entrevistá-la? O sujeito *eu* não pode estar na mesma sentença que *faço essa entrevista*; o sujeito *eu* não deveria sequer estar no mesmo edifício que o sujeito *ela*.

As sobrancelhas de Suzy viram um til sobre os olhos. Estendo a mão, e ela me entrega a contragosto o papel.

— Preciso de dez minutos para estudar o currículo — murmuro deixando a sala.

Paredes passam por mim, vozes me cumprimentam, o suor da mão mancha a tinta da página. Estou longe em distância e tempo. De volta a um lugar que nunca mais gostaria de visitar, mas revisito. Por algum jogo de dados do destino, a vida que deixei para trás retorna, e com ela sentimentos antigos. O corpo vibra por algo que apelido, por puro otimismo, de curiosidade. Uma vontade tanto involuntária como intencional de saber o que aconteceu a ela naquele hiato de sete anos.

Sete anos atrás eu vi Beatriz pela última vez.

Não foi bonito.

Não foi romântico.

Quero saber o que ela conquistou e perdeu nos últimos anos; quero mostrar quem eu virei, ver sua reação quando souber que a decisão sobre *sins* e *nãos* repousa em minhas mãos. É vil, eu sei.

É uma pena que a sensação de ser malvado dure exatos três segundos. Nesses três segundos lembro do que aconteceu conosco. Lembro também dos sete anos que passei ao seu lado, e os sete seguintes em que tentei esquecê-la.

Mas no quarto segundo sou inundado por um sentimento estranho de piedade que me faz tombar na cadeira da sala vazia. Suspiro longamente antes de trazer a folha às vistas. *O que aconteceu com você, Bia?*

Os olhos correm as palavras, esperando encontrar respostas na folha de papel.

Curriculum Vitae

Beatriz Medina de Souza, 29 anos.

Telefone. Endereço.

Ela ainda mora com os pais, na mesma rua, no mesmo prédio em um bairro tranquilo da cidade de Vitória, no Espírito Santo. Lembro da cidade onde cresci. Do mar eternamente azul e das ilhas que salpicam a costa. O que ela quer aqui em São Paulo?

Experiências anteriores: Jornal *Vox Populi*, 2009 a 2010. Jornalista, escritora da coluna “Povo que faz.”

Povo que faz, releio o nome com o estômago embrulhado. Há sete anos aquele nome trazia alegria, hoje ele me faz mal. Lembro da escrita de Beatriz — bonita, simples, madura. A garota de vinte e dois anos que ela era esbanjava talento. Esqueço a coluna, pego ar e volto à leitura.

Experiência seguinte: Editora Lindbergh, 2015 a 2017.

Olho duas vezes a data. 2015 a 2017. Subo as vistas até a data anterior, 2009 a 2010. Há um salto entre uma experiência e outra, como se Beatriz não tivesse feito nada durante cinco anos. Procuro embaixo onde esses anos estão.

Formada na Universidade Federal do Espírito Santo, Jornalismo.

Curso de revisor a distância.

Tento entender por que a garota com o desempenho fora do normal faria um curso a distância em uma entidade pouco renomada. Bato com a caneta sobre o papel, bem mais curioso que deveria.

A curiosidade faz concessões importantes.

A curiosidade também matou o gato, João.

Abro o computador e me embanano com a senha. Agora é isso: toda semana tenho que inventar uma senha nova. *Vamos lá, mestre da criatividade: pedro 123.*

Entro no sistema da Alpina e tento achar nossas folhas de pagamento. Acho o salário oferecido para o seu cargo sem conseguir segurar a careta. *Que vergonha de salário, Alpina.* Sequer precisaria conversar com Beatriz, bastaria mostrar a ela aquele valor e ela sairia porta afora, ofendida. Pego o telefone e disco o número da recepção com o texto simples

na ponta da língua: não temos a vaga.

É simples e rápido. Está nas minhas mãos.

— Bom dia, Marinalva. Avise à candidata Beatriz Medina que a vaga já foi preenchida.

Não ficou bom. Limpo a garganta e engrosso a voz para parecer mais seguro: — Bom dia, Marinalva, avise à Bia que...

Balanço a cabeça. Não, *Bia* não pode. Treino mais duas vezes a frase convencido de que não é questão de ser cruel, é só sobrevivência. Não quero cruzar aquele campo minado emocional todos os dias ao chegar no trabalho. Paguei pelos meus erros anos atrás, não devo nada a ninguém. Principalmente, não devo mais nada a ela.

Enquanto penso, rabisco traços aleatórios no bloco de papel.

— Alô? — a recepcionista atende, e as palavras debandam como se corresse de mim.

Abro a boca duas vezes antes de conseguir dizer:

— Marinalva, aqui é Pedro Lima. A candidata ainda está aí?

Droga, a voz saiu falhada. Mas ainda não é o momento de perder o otimismo; há uma chance remota de ela ter me visto e saído correndo dali, marcando o local para voltar mais tarde e fazer uma macumba na esquina.

— Sim, está.

— Diga a ela que...

Fale, Pedro.

— Diga que...

Não a chame! Bia é uma bola de demolição pronta para arrebentar contra você. Mande-a de volta para o inferno de onde saiu!

O coração pula uma batida, abalado pelo último pensamento: o inferno de onde saiu.

O inferno de onde saiu ou aquele onde ajudei a colocá-la?

Baixo os olhos para o papel e vejo os rabiscos. Em dezenas de formas e tamanhos, um único nome: *Bia*.

— Sim, senhor Pedro? — Marinalva me acorda.

— Peça à garota para vir até a minha sala.

— A sala da Sra. Suzy, o Sr. quer dizer?

— Não — bato a palma na testa. — A minha.

Abaixo o fone e o coloco sobre o aparelho. Um músculo pinça na lateral do rosto.

Olhe, um iceberg. Altere o curso da nau para atingi-lo, por favor. Fecho a mão e abro em seguida os dedos vendo que tremem. Há sete anos não a vejo e agora acabei de chamá-la para uma entrevista na minha sala.

A pulsação na parede interna da cabeça se transforma em golpes de marreta, e duvido que uma aspirina fora da validade consiga dar um jeito. Vejo-a virar na baía adiante, cruzar o corredor e parar na frente de Neide. Que droga, olhe para ela. Sete anos se passaram e ela continua...

Não termine a frase.

A barriga comporta um bloco de gelo. Encolho na cadeira, me preparando para o pior: o olhar de ódio, o grito de raiva. Minha mão tampa parcialmente o rosto, mas é tarde demais para me esconder. Ela me viu.

Bia para na frente de Neide e aponta para mim.

Os sons do escritório desaparecem. Carros somem da avenida, moléculas congelam no ar. Seus olhos continuam do mesmo tom de azul do céu dos dias alegres. O cabelo está comprido outra vez, preto, com aquele ar não domesticado de quem acabou de acordar. Reparo na blusa xadrez amarrada na cintura, na mochila flácida caída de lado, no sapato de lenhador. *Quem é essa garota?*

Ela anda em minha direção e dá uma batida na porta. O frio que transformou minha barriga no Ártico acha caminho para o resto do corpo.guardo o reconhecimento. A energia da raiva concreta, a força que mora nos sentimentos que se transformam em opostos e ajudam a suportar as ausências. Toda a ânsia de vingança, a afronta, a vontade de magoá-la e tomar o que ela me tirou desaparecem.

Espero um grito, mas recebo dela um sorriso. Ela olha a placa pendurada na porta e em seguida para mim: — Pedro Lima?

Minha testa ganha algumas linhas a mais.

— Meu nome é Beatriz Medina, é um prazer conhecê-lo.

{ fim da amostra }

Para comprar A Última Peça, acesse: <https://amzn.to/2ZhfyFM>